







SAGRES,

DE

OLAVO BILAC





OLAVO BILAC

---

# SAGRES

**(Commemoração da descoberta do caminho da Índia)**



RIO DE JANEIRO

---

MDCCCXCVIII



*A*

*Antonio Ennes*

**7-Maio-98.**







«Acreditavam os antigos celtas, do Guadiana espalhados até a costa, que, no templo circular do Promontorio Sacro, se reuniam á noite os deuses, em mysteriosas conversas com esse mar cheio de enganos e tentações».

OL. MARTINS.—*Hist. de Portugal.*

Em Sagres. Ao tufão, que se desencadeia,  
A agua negra, em cachões, se precipita, a uivar ;  
Retorcem-se gemendo os zimbros sobre a areia. . .  
E, impassivel, oppondo ao mar o vulto enorme,  
Sob as trevas do céu, pelas trevas do mar,  
Berço de um mundo novo, o Promontorio dorme.

Só, na tragica noite e no sitio medonho,  
Inquieto como o mar sentindo o coração,  
Mais largo do que o mar sentindo o proprio sonho,  
—Só, aferrando os pés sobre um penhasco a pique,  
Sorvendo a ventania e espiando a escuridão,  
Quéda, como um fantasma, o Infante Dom Henrique.

Casto,—fugindo o amor, atravessa a existencia,  
Immune de paixões, sem um grito sequer  
Na carne suffocada em plena adolescencia :  
E nunca approximou da face envelhecida  
O nectario da Flor, a bocca da Mulher,  
—Tudo quanto perfuma o deserto da vida.

Forte,—em Ceuta, ao clamor dos pifanos de guerra,  
Entre as mesnadas (quando a chacina sem dó  
Dizimava a moirama e estremecia a terra)  
Viram-no levantar, immortal e brilhante,  
Entre os raios do sol e entre as nuvens do pó,  
A alma de Portugal no aceiro do montante.

Em Tanger, na jornada atroz do desbarato,  
—Duro, — ensopando os pés em sangue portuguez,  
Empedrado na teima e no orgulho insensato,  
Calmo, na confusão do horrendo desenlace,  
—Vira partir o irmão para as prisões de Fez,  
Sem um tremor na voz, sem um tremor na face.

E' que o Sonho lhe traz, dentro de um pensamento,  
Toda a vida captiva. A alma de um Sonhador  
Guarda em si mesma a terra, o mar, e o firmamento,  
E, cerrada de todo á inspiração de fóra,  
Vive como um vulcão, cujo fogo interior  
A si mesmo, immortal, se nutre e se devora.

« Terras da Fantasia ! Ilhas Afortunadas,  
Virgens, sob a meiguice e a limpidez do céu,  
Como nymphas, á flor das águas remansadas !  
—Pondo o rumo das náus contra a noite horrorosa,  
Quem sondára esse abysmo e romperá esse véo,  
O' sonho de Platão, Atlantida formosa !

Mar tenebroso ! aqui recibes, porventura,  
A syncope da vida, a agonia da luz...  
Começa o Cháos aqui, na orla da praia escura ?  
E' a mortalha do mundo a bruma que te veste ?  
Mas não ! por traz da bruma, erguendo ao sol a Cruz,  
Vós sorrides ao sol, Terras Christans do Preste !

Promontorio Sagrado ! Aos teus pés, amoroso,  
Chora o monstro... Aos teus pés, todo o grande poder,  
Toda a força se esváe do Oceano Tenebroso...  
Que anciedade lhe agita os flancos ? Que segredo,  
Que palavras confia essa bocca, a gemer,  
Entre beijos de espuma, á algidez do rochedo ?

Que montanhas mordeu, no seu furor sagrado ?  
Que rios, atravéz de selvas e areias,  
Vieram n'elle encontrar um tumulo ignorado ?  
De onde vem elle ? ao sol de que remotas plagas  
Borbulhou e dormiu ? que cidades reaes  
Embalou no regaço azul de suas vagas ?

Se tudo é morte além,—em que deserto horrendo,  
 Em que ninho de treva os astros vão dormir ?  
 Em que soidão o sol sepulta-se, morrendo ?  
 Se tudo é morte além,—porque, a soffrer, sem calma,  
 Erguendo os braços no ar, havemos de sentir  
 Estas aspirações, como azas dentro da alma ? »

E, torturado e só, sobre o penhasco a pique,  
 Com os olhos febris furando a escuridão,  
 Quêda, como um fantasma, o Infante Dom Henrique...  
 Entre os zimbros e a nevoa, entre o vento e a salsugem,  
 A voz incompreendida, a voz da Tentação  
 Canta, ao surdo bater dos macaréos que rugem:

«Ao largo, Ousado ! o Segredo  
 Espera, com anciedade,  
 Alguem, privado de medo  
 E provido de Vontade. . .

Verás destes mares largos  
 Dissipar-se a cerração !  
 Aguça os teus olhos, Argus !  
 Tomará corpo a Visão. . .

Sonha, affastado da guerra,  
 De tudo !—em tua fraqueza,  
 Tu, d'essa ponta de terra,  
 Dominas a Natureza.

---

Na escuridão que te cinge,  
Œdipo ! com altivez,  
No olhar da liquida sphyngé  
O olhar mergulhas, e lês ..

Tu que, casto, entre os teus sábios,  
Fanando a flor dos teus dias,  
Entre mappas e astrolábios  
Encaneces e porfias,

Tu, buscando o oceano infindo,  
Tu, apartado dos teus,  
( Para dos homens fugindo,  
Ficar mais perto de Deus ),

Tu, no agro templo de Sagres,  
Ninho das naves esbeltas,  
Reproduzes os milagres  
Da idade escura dos Celtas :

Vê como a noite está cheia  
De vagas sombras... Aqui,  
Deuses pisaram a areia  
Hoje pisada por ti.

E, como elles poderoso,  
Tu, mortal, tu, pequenino,  
Vences o Mar Tenebroso,  
Ficas senhor do Destino.

Já, enfunadas as velas  
Como azas a palpitar,  
Espalham-se as caravellas  
—Aves tontas pelo mar.

Nessas taboas oscillantes,  
Sob essas azas abertas,  
A alma dos teus navegantes  
Povôa as aguas desertas.

Já, do fundo do mar vario,  
Surgem as ilhas, assim  
Como as contas de um rosario  
Soltas nas aguas, sem fim.

Já, como cestas de flores,  
Que o mar de leve balança,  
Abrem se ao sol os Açores,  
Verdes, da côr da Esperança.

Vencida a ponta encantada  
Do Bojador, teus heróes  
Pisam a Africa, abrazada  
Pela inclemencia dos sóes.

Não basta ! A'vante !

Tu, morto

Em breve, tu, recolhido  
Em calma, ao ultimo porto,  
—Porto da paz e do olvido,

Não verás, com o olhar em chamma,  
Abrir-se, no oceano azul,  
O vôo das náos do Gaça,  
De rôstros feitos ao Sul...

Que importa ? Vivo e offegando  
No offego das velas soltas,  
Teu Sonho estará cantando  
A flor das aguas revoltas.

Vencido, o peito arquejante,  
Levantado em furacões,  
Cheia a bocca e regougante  
De espuma e de imprecações,

Rasgando em furia, ás unhas,  
O peito, e contra os escolhos  
Golfando, em flammias iradas,  
Os relampagos dos olhos,

Louco, ullulante,—impotente  
Como um verme,—Adamastor  
Verá, pela tua gente,  
Galgado o cabo do Horror

Como o reflexo de um astro,  
Scintilla e a frota abençoã,  
No tope de cada mastro,  
O Sant'Elmo de Lisboa.

E alta já, de Moçambique  
A Calicut, a brilhar,  
—Olha, Infante Dom Henrique :  
Passou a Esphera Armillar !

Fartar !... Como um sanctuario,  
Zelozo do seu thesouro,  
Que ao toque de um temerario  
Largas abre as portas de ouro,



---

—Eis as terras feiticeiras  
Abertas... Da agua atravez,  
Deslisem fustas ligeiras,  
Corram avidas galés !

Ahi vão, opprimindo o Oceano,  
Toda a prata que fascina,  
Todo o marfim africano,  
Todas as sedas da China . . .

Fartar !. Do seio fecundo  
Do Oriente abrazado em luz,  
Derramem-se sobre o mundo  
As pedrarias de Hormuz !

Mas. . . inda não basta ! um dia,  
Um outro imprudente, o rosto  
Da náve, com ousadia,  
Movendo para o sol posto,

—Sob o pallio côr de rosa  
Da aurora, esperando o sol,  
Verá uma terra, anciosa,  
No aureo banho do arrebol .

E olhando-a, casta, no aneio  
Do medo e pasmo que a céga,  
—Como uma virgem que o seio  
Aos beijos do noivo entrega,

Terá visto a Pátria,—filha  
Da Pátria dona das náus,  
Que abriam em cada quilha  
Uma parcella do Cháos.

Sonha,—affastado da guerra,  
Infante ! Em tua fraqueza,  
Tu, d'essa ponta de terra,  
Dominas a natureza !     »

Longa e callida, assim, falla a voz da Sereia.  
—Longe, um rôxo clarão rompe o nocturno véo.  
Doce agora, ameigando os zimbros sobre a areia,  
Passa o vento. Sorri pallidamente o dia.  
E, subito, como um tabernaculo, o céo  
Entre faixas de prata e purpura, irradia.

Tenue, a principio, sobre as perolas da espuma,  
Dansa torvelinhando a chuva de ouro. Além,  
Invadida do fogo, arde e palpita a bruma,  
N'uma scintillação de nacar e amethystas.  
E o olhar do Infante vê, na agua que vae e vem,  
Desenrolar se vivo o Drama das Conquistas.

---

Todo o Oceano referve, incendiado em diamantes,  
Desmanchado em rubis. Galeões descommunaes,  
Crespas selvas sem fim de mastros deslumbrantes,  
Continentes de fogo, ilhas resplandecendo,  
Costas de ambar, parcéis de aljofres e coraes,  
—Surgem, redomoinhando e desaparecendo.

E' o dia!—A bruma foge. Illuminam-se as grutas.  
Dissipam-se as visões. O Infante, a meditar,  
Como um fantasma, segue entre as rochas abruptas...  
E impassivel, oppondo ao mar o vulto enorme,  
Fim de um mundo sondando o deserto do mar,  
—Berço de um mundo novo—o Promontorio dorme.





## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).